

Música ao vivo invad

FERNANDO PINTO
Repórter Especial

Na entrequadra comercial da 201/2 Norte há uma enorme faixa branca estendida de um lado a outro da rua. Mesmo quem passa de carro lê facilmente as palavras grandonas pintadas no pano: "Encontro Marcado, música ao vivo, pagode a partir de 4ª feira".

Aparentemente, trata-se de um desafio aberto ao Amoremio, que fica na extremidade da 202, a poucos metros dali, e que há meses vive noites seguidas de casa cheia. Mas uma coisa nada tem a ver com a outra. Tanto é que na entrequadra comercial seguinte, a 402/3 Norte, na mesma quarta-feira (passada) o Royal Salut, o mais novo bar musical brasiliense, abriu as suas portas. A inauguração anunciava cantores e instrumentos musicais, conforme o último figurino desta cidade-imã com a janela de céu de 360 graus e que flutua no astral místico entre os paralelos XV e XX.

— Conheço as noites de quase todas as cidades do mundo. Mas a noite de Brasília tem um "quê" de especial, algo indefinível de bonito que atrai as pessoas...

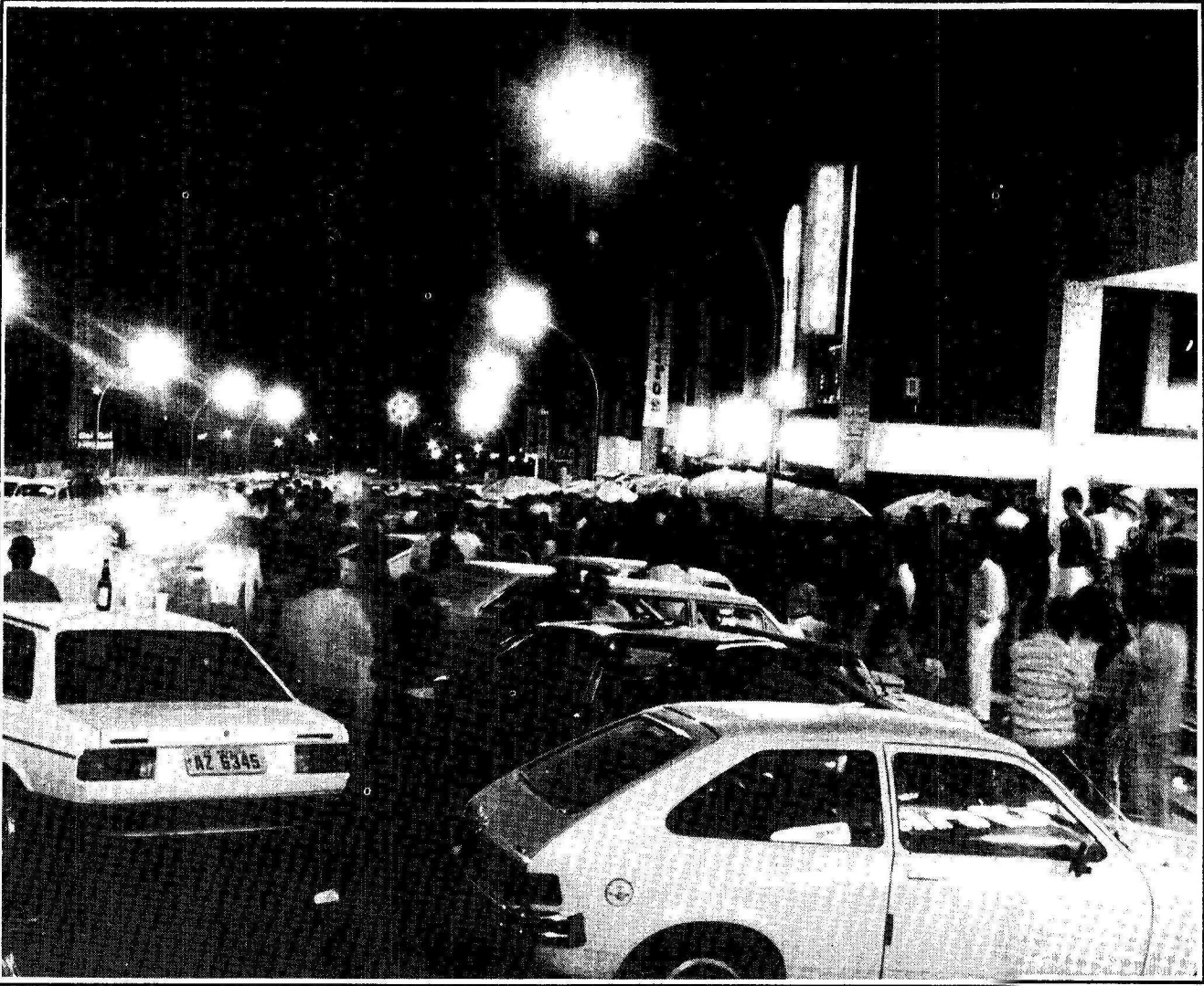
Agora estamos na Asa Sul. E quem diz isso ao repórter no intervalo de um show de seresta é um diplomata de cabelos grisalhos, alto, aparência de lord, enquanto beberica com elegância o seu scotch numa mesa do Glauco's na 208. Também sentimos esse "quê" indefinível de bonito, sen-

sação de que estamos de bem com o meio ambiente, enquanto Josemir volta a dedilhar o violão e joga no ar uma música de Lupicínio. Reportagem programada para ser concluída em uma semana, já estamos na décima noite de andanças pelo Plano Piloto e ainda não visitamos um terço dos 70 bares e restaurantes musicados de Brasília, sem contar os outros 130 estabelecimentos que ainda não aderiram à moda.

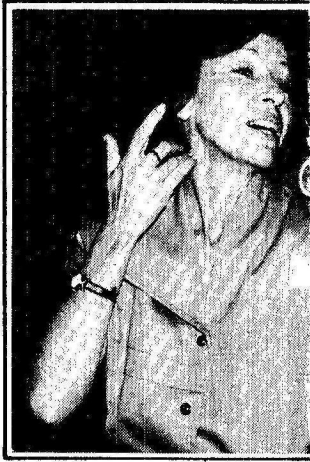
Ficamos perplexos, estupefatos mesmo, com o movimento noturno que encontramos nas duas asas do avião, como se todos já tivessem tomado os seus assentos à espera de que o comandante Lúcio Costa anunciasse o voo iminente: "apertem os cintos". Mas enquanto a gigantesca aeronave não alça o seu ansioso voo, os passageiros se divertem ouvindo música ao vivo variada: sambas, boleros, chorinho, jazz e até clássicos executados ao violino (dizem, Stradivarus) por um Paganini local que se apresenta na churrascaria Chamas, no SIG. Há cantores para todos os gostos, alguns destes trabalhando à noite e carregando pedra de dia, a exemplo de Rebeca que canta no Bar Academia e ajuda a mãe na loja Piramid Queops.

E assim Brasília abre as portas de sua generosa noite (sem assaltos ou sobressaltos) a boêmios de todos os recantos do País, inclusive ao mais exigente carioca que poderá frequentar durante dois meses excelentes casas noturnas com música ao vivo, uma a cada noite.

FOTOS: MARCOS HENRIQUE



Entrequadra 302 Norte: uma imagem que se repete por várias quadras na noite de Brasília



Marcilda (Chorinho)



D. Ivone (Kimukeka)



Ana Cristina (Bom De)



Delacir (Bar Academ)



Glauco (Glauco's)



Sinval e Sérgio

le a noite de Brasília



ão): a princípio medo



): congelamento atrapalha



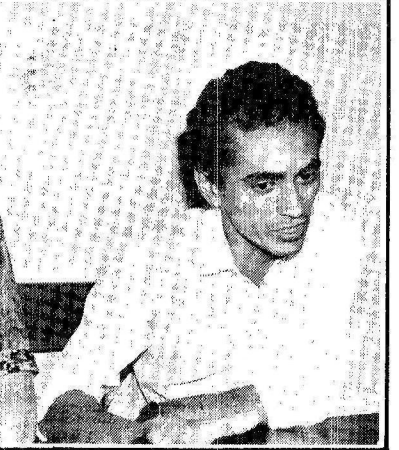
mais): a música atrai clientes



ia): a música é a alma do bar



o's): poeta e boêmio



(Açai): tocando o Açai

Eles, melhor do que ninguém, sabem tudo sobre a boemia local porque promovem a noite de Brasília, tão difamada por certos forasteiros desinformados que descobriram em pleno planalto até mesmo uma imaginária "ilha da fantasia". São muitos os que contribuem para que o brasiliense ou o turista tenham opções de lazer noturno: donos de restaurantes e de bares, hoteleiros ou boêmios veteranos que ainda resistem à aposentadoria compulsória. Mas nem todos serão citados nesta reportagem por dois motivos: falta de espaço e de tempo. Espaço para incluir todos os nomes numa mesma lista. E tempo para o repórter entrevistar mais de meia centena de abnegados que investem dinheiro e fé em um negócio que até bem pouco tempo representava sério risco: contratar músicos e cantores, em sua maioria locais. Mas agora já se sabe que a música ao vivo é que está contribuindo para a incrementação da vida noturna da capital federal, como garante Cristina, proprietária do restaurante naturalista **Bom Demais** (706 Norte).

— Esse mundão de gente que você está vendo aí comparece todas as noites principalmente por causa da música. Se eu abrir o **Bom Demais** pura e simplesmente, as pessoas deixarão de vir. Quer dizer: as pessoas me cobram atividade. E sem uma boa programação cultural, o **Bom Demais** não existe.

Mineira de Abaeté, 32 de idade e 20 anos de Brasília, Ana Cristina é uma espécie de patrimônio local, obviamente inserida no contexto humano de uma cidade jovem que começa agora a adquirir sua própria personalidade. E o **Bom Demais**, fundado há três anos no peito e na raça pela valente moça de óculos, é uma das mais sérias contribuições a essa dinâmica cultural que, pelo visto, é irreversível e só tende a crescer.

— Como tudo nasceu? Primeiro porque adoro Brasília. O resto é como aquela história do ovo que botou pra chocar, que virou galinha que botou um pinto. É uma coisa que foi crescendo.

Mas ao contrário do que sua modestia sugere, Cristina não é exatamente uma amadora no assunto:

— Antes do **Bom Demais**, tive uma passagem no **Petiscão**, um bar na W-3 Sul. Eu já tinha ido antes pra Bahia com o Fernando Lemos, o Bolão e o Chacal, todos jornalistas que resolveram se transformar em hoteleiros. E foi assim que arrendamos um hotelzinho na praia de Prado. E como eles passavam a maior parte do tempo na praia, a administração do hotel ficava comigo. Foi lá que descobri que podia viver disso. Voltei pra Brasília e montei uma pensão clandestina na minha casa, com quatro mesinhas na garagem. Naquele tempo eu já estava com o **Bom Demais** na cabeça.

ENCONTRO NA NOITE

Se a naturalista Cristina se transformou em empresária noturna graças a uma aventura mal sucedida (o hotel pifou), o mesmo não aconteceu com Glauco H. C. Leibovich, carioca de 48 anos e 15 em Brasília, para onde foi transferido por força das circunstâncias no alto cargo que ocupa num Ministério. Como um fazendeiro catarinense que montou um moderno hipódromo em sua pequena cidade (Guarua) só porque amava o turfe, Glauco também resolveu comprar um restaurante em Brasília só para não ter que bater pernas na noite à procura de um bar com música de boa qualidade ao vivo, ele que se descobriu boêmio em plena adolescência na zona Sul do Rio de Janeiro. Glauco é a simplicidade em pessoa, empresário da noite que faz questão de se identificar com os seus clientes. E explica porque:

— O Rio já não é mais aquele de 20 anos atrás, o Rio em que os boêmios de tradição podiam curtir o mistério da noite com toda a tranquilidade de quem está de bem com o mundo, isto é, de bem com suas próprias vidas. E foi aí que descobrir que Brasília é o cenário ideal para esse transplante espiritual, já que ser carioca não tinha nada a ver com certidão de nascimento, mas com um estado de espírito imponderável, maravilhoso, contagiante, que nasceu e se plasmou no antigo Distrito Federal. E como Brasília passou a ser o novo Distrito Federal desde 1º de abril de 1960, não resta a menor dúvida de que esse transplante espiritual fica sendo perfeitamente legal.

Foi com esse objetivo que Glauco inaugurou o restaurante **La Grotta Azzurra**, em 1978, um dos primeiros estabelecimentos da Asa Sul a apresentar música ao vivo. Três anos depois, vendo que o investimento não compensava nem para seu espírito e nem para seu bolso, fechou a casa. E ficou dois anos curtindo inquietação, até que no final de 83 resolveu montar o **Glauco's**, na 208 Sul, administração que lhe tem custado alguns fios brancos na cabeça: "Quando estou meio desanimado, recebo o inestimável incentivo de minha mulher, Luisa". Misto de poeta e boêmio, faz questão de explicar que seu principal objetivo não é ganhar dinheiro com o seu bar-restaurante musicado:

— Olha, entre uma casa cheia de gente e de barulho, prefiro a presença de fregueses que venham aqui buscar o diálogo de sensibilidade que aproxima as pessoas, assim como se fosse um encontro na noite. Acho que isso está faltando em Brasília.

O BOM APRENDIZADO

Quem não gostava da noite e aprendeu a gostar é a proprietária do **Chorão 304** (Norte), Marcilda Pedreira, restaurante especializado em frutos do mar que é uma extensão do simplesmente **Chorão** (302 Norte), fundado em 1977 pelo economista e jornalista Arturzinho Pedreira. A casa dirigida por Marcilda, rondeniense de 44 anos e 17 anos de Brasília, foi fundada em fevereiro deste ano porque a matriz da 302 já não dava mais de tanta gente. A estratégia era transferir a música ao vivo para a 304, onde hoje 16 músicos se revezam no programa semanal selecionado com o maior interesse pela proprietária que se transformou numa dama da noite brasiliense. Mas nem sempre foi assim.

— Quando o meu marido abriu o primeiro **Chorão**, eu quase não ia lá porque tinha medo da noite, inclusive tinha quatro filhos pra criar e que precisavam de mim em casa. Mas pouco a pouco fui chegando. Hoje estou perfeitamente entrosada neste tipo de trabalho.

Quem também não entendia nada de dirigir uma casa noturna é DeAraúclacir mineira de Araxá, 36 anos e 24 anos de Brasília, jo dona do **Bar Academia** (308 Norte), estabelecimento que há quase três anos vem sendo administrado por ela e a irmã Denise, com quem se dá "às mil maravilhas". Delacir explica o sucesso de seu bar-restaurante dançante:

— Brasília até há pouco não tinha o que fazer de noite, agora tem porque há um apelo. Muitos que moram aqui e viajavam no final de semana para se distrair fora, agora não viajam mais. Hoje a nossa cidade já pode oferecer opções de lazer noturno. E a alma do bar é o tipo de música que ele apresenta. Se tiver pista para dançar, melhor.

TRABALHO DIFÍCIL

Mas se alguém está pensando que dirigir restaurante ou bar com música ao vivo é fácil, está enganado. Ou melhor: que pergunte à dona Ivone de Oliveira, baiana de 53 anos e dois estabelecida no Plano Piloto com o **Kimukeka** (203 Sul):

— É preciso muita dedicação, meu filho, vocação mesmo. Durmo todas as noites muito tarde e acordo muito cedo pra comprar as mercadorias que precisam ser da melhor qualidade. Se não tivesse os meus filhos me ajudando, eu já teria sido fritada em azeite de dendê.

Da mesma forma como Marcilda, do **Chorão 304**, e Delacir, do **Bar Academia**, d. Ivone não sabia nada do riscado, até que ficou viúva 10 anos atrás e herdou o **Kimukeka** administrado pelo marido em Salvador.

— Com a ajuda de Deus e de meus 11 filhos, meti a cara no trabalho. Hoje, oito deles ficaram dirigindo o **Kimukeka** de lá, e três estão me ajudando a tocar em frente o **Kimukeka** de cá. Aquele ali (aponta um jovem de sorriso aberto, dentes brancos, perfeitos, à mostra) é o Pedro José. Ele tem 24 anos e é o meu gerente. Como vai o movimento? Vai bem, muito bem. Nossos fregueses gostam de música, de cantores e comparecem aqui todos os dias, principalmente quem curte comidinha baiana "legítima", igual à nossa. Mas a situação podia estar muito melhor, se não fosse esse negócio de congelamento. Eles dizem que está tudo congelado, porém não é verdade. Cada dia no mercado onde compro os produtos sobem de preço. E depois aquele tal de plano cruzado quase me levou à falência, aqui e na Bahia. Só não fechei as portas graças a Nosso Senhor do Bonfim. E peço a ele todas as noites para não sair daqui de Brasília, cidade que gosto muito, cidade que tem um feitico que prende a gente. Já percebeu o feitico que tem aqui?